ANO 2.º LISBOA--TERÇA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 1922 N.º 312

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.-End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e officinas
RUA LUZ SORIANO, 48.
Impressão: Rua do Mundo, 118

O *DIARIO de Lisboa* recebeu com o pretexto do seu aniversario as mais cativantes palavras de carinhosa saudação da quasi unanimidade da imprensa portuguesa.

Devemos dizer que se essas palavras nos trouxeram orgulho nos não inspiraram vaidade, e que se profundamente nos comoveram nem por isso deixaram de marcar para nós um novo sentido de responsabilidades assumidas, e a que temos de prestar o culto da coerencia. A todos agradecemos profundamente reconhecidos.

* * *

OS gatunos foram a uma capelinha do Paço do Lumiar, e como quer que fôsse noite e a lua pelo céu caminhasse distraída com os misteriosos acontecimentos que tanto a têm trazido encoberta—roubaram os sinos. Fizeram mal, entre outras razões, porque os sinos são coisas humildes que não prejudicam o livre pensamento de ninguem, e ainda porque é da sua humildade que vem á terra um pouco de poesia e de lirismo casto. Ha tanta coisa que roubar sem ser os sinos! Os sinos que são tão resignados que podendo começar a badalar protestos pela estrada fóra se deixaram ir como crianças na hora do sono...

* * *

EM arte e em literatura três coisas há que todo o jornalista probo e independente tem obrigação de começar a combater sem treguas: a pornografia ou o dito equivoco no teatro, o elogio mutuo ou o auto-elogio na literatura, e a pobreza mesquinha de concepção e de realização com que se contentam, felizes, os nossos melhores artistas plasticos. Os dois primeiros casos—entram a assustar todas as pessoas que desejam vêr as profissões da arte e do pensamento revestidas de um certo pudor.

* * *

O JULGAMENTO dos netos de Camilo ainda desta vez deu sinal de si na imprensa. Alheios ao conflito, não possuindo elementos bastantes para ajuizarmos da justiça que a firma autora lhe diz assistir, queremos parecer no entanto que o nervosismo que se nota por banda dos defensores da causa dos livreiros—seja o ilustre advogado, seja o autor de artigos varios publicados n'uma revista do Porto—não corresponde áquela confiança imperturbavel que em regra os que possuem razão costumam ter por seu lado.

* * *

DE ENTRE as muitas cartas recebidas no *Diario de Lisboa* foi particularmente sensivel aos nossos redactores a do nosso distintissimo colega de jornalismo, sr. Matos de Sequeira e dirigida ao nosso camarada Norberto de Araujo.

* * *

RAMADA Curto tem hoje no Nacional uma nova peça *Os Tenorios*, ha tanto tempo entregue—disse ele uma vez—que quando ela se representar ha de desconhecê-la. Queremos-lhe um exito—relativo, é claro. Cheira-nos a peça social, ainda que literaria, e o socialismo é uma abstracção tão filosofica e indistinta que sonhá-lo sequer pode parecer loucura de gente de sizo.

* * *

ENCONTRA-SE doente o nosso querido director dr. Joaquim Manso. Todos os que nesta casa trabalham fazem votos apaixonados pelo seu regresso ao nosso convivio.

O PORTO

A capital do Norte tem hoje uma festa simpatica e significativa. O Dia da Imprensa.

E' um proposito levantado, que tem á sua roda um mundo de belesa na forma e no pensamento. O Dia da Imprensa é mais uma manifestação de actividade, de desenvoltura de maneiras que caracteriza a velha cidade burgo, profetica e caracteristica que é o Porto.

Ha uma preocupação nacional, que enche os portugueses de orgulho... Os do Porto, a gente do Porto logo surge a compôr a festa, a arranjar ambiente, a desenvolver afecto.

Ha uma obra militar, poetica, sentimental, patriotica a erguer... O Porto é o primeiro com a sua generosidade, a sua prosapia tão engraçada e fresca, a sua convicção do proprio merecimento, tão encantador.

Portugal precisa de viver, de reagir, de trabalhar... O Porto vive, reage, trabalha, levanta oficinas, cria emprezas, mete-se em negocios, enche o Douro e Leixões de barcos, carrega produtos, marca originalidade, e a um tempo compra e vende, dá e recebe, explora e larga ás mãos cheias.

E' preciso alma? O Porto dá alma. E' preciso fé? O Porto acredita. E' preciso dar o corpo ao manifesto? O Porto vem á rua.

Agarra-se na historia e topa-se o Porto em cada volta de uma pagina. São movimentos de liberdade, são rasgadas de eloquencia, são foguetes de alegria, são noites em claro ouvindo bater o coração da raça — á espera.

A gente do Porto, que é a melhor da gente do povo é a um tempo a melhor da gente fidalga. Nas suas ruas ha sombras de prelados que deram regalias ao burgo e sombras de herois de nobreza que espirraram sangue para não negar o nome.

O Porto antigo é quasi uma epopeia. O Porto moderno é quasi outra. Epopeia total, integral, una, só ha uma em Portugal — é a de Portugal. Uma grande parte cabe á cidade Invicta, do brazão da Senhora e das lutas da liberdade.

O Porto tem hoje o seu Dia da Imprensa. E' uma manifestação interessantissima e nova das modalidades do Bem. E' um orgulho profissional enfeitado de rosas. Achamos esplendido.

E daqui pedimos licença para nos camaradas e amigos que fazem a profissão do jornalismo do Porto, abraçar todo o espirito épico e tumultuoso da velha cidade portuguesa.—*A.*

Como se ensina a infancia...

—**Papazinho, quem foi Hamlet?**
—**Não tens vergonha na tua idade ser tão ignorante? Trás-me a Biblia e logo saberás quem foi Hamlet.**

DO *Excelsior*, de Paris:

Madame João Chagas, esposa do ministro de Portugal, deu uma brilhante recepção, a que assistiram muitas personalidades do mundo diplomatico, da alta sociedade parisiense e da colonia portuguesa. Citemos:

Mme. Poincaré, mme. Foch, mme. Raoul Péret, mme. Eugène Petit, embaixador do Japão e a viscondessa Ishii, o ministro de Espanha e a marquesa de Faura, o ministro do Perú e mme. Cornejo, o ministro da Argentina e mme. de Alvear, o ministro da Holanda e mme. Loudon, o ministro da Finlandia e mme. Eckel, o ministro da Bolivia e mme. Aramavo, o ministro da Tcheco-Slovaquia e mme. Osusky, os ministros da Persia, Letonia e Equador, encarregado dos negocios do Brasil, marquês de Peralta, mme. P. de Feuquières, mme. Autrand, general e mme. Regnoult, mme, Herbette, marquês e marquesa de Faria, conde e condessa Balny d'Avricourt, marquesa de Gabriac, etc.

* * *

PREVÊ-SE QUE a recita de homenagem á actriz Virginia, organizada pelo nosso presado colega o *Diario de Noticias*, deve obter um rendimento superior a 30 contos. Será a maior receita atingida em espectaculos portugueses.

* * *

POR decreto do Alto Comissariado em Angola foi dissolvida a Associação dos Nativos de Loanda, denominada «Liga Angolana» e suspenso o jornal «O Angolense» e nomeado um funcionario superior para proceder a um inquerito.

* * *

NA reunião politica realizada no passado domingo, em que tomaram parte elementos de varios partidos, não se ventilou a ideia de apoio ou não apoio ao actual ministerio.

Sómente foram apreciadas algumas das suas medidas e se acentuou a necessidade de pôr em pratica algumas outras mais eficazes.

* * *

O tenente-coronel sr. Almeida Santos, secretario provincial do Interior de Angola, foi nomeado vice-presidente do Conselho Legislativo.

* * *

E' esperado em Lisboa, durante a corrente semana, o sr. dr. José Domingues dos Santos que vem explicar ao Directorio do P. R. P. os motivos da sua atitude para com o governo.

* * *

O tenente-coronel sr. Correia dos Santos foi nomeado secretario provincial da secretaria de Agricultura, Agrimensura e Terras da Provincia de Angola.

* * *

A comissão executiva do Directorio do P. R. P., na sua reunião de hoje, acupou-se demoradamente da realização do Congresso Partidario anunciado para os dias 22 e 23 do corrente.

* * *

ENCONTRA-SE em Lisboa o governador do distrito de Huila, capitão sr. Freire Quaresma.

A EXPOSIÇÃO DO RIO

As adesões importantes que o Comissariado Geral do Governo recebe constantemente, permitem-nos asseverar que naquele certame a representação portuguesa será uma grande manifestação da nossa vitalidade

Sempre que vamos ao Comissariado da Exposição do Rio colher informações para o publico—e fazemo-lo constantemente porque não perdemos de vista tão momentoso e importante assunto—vimos de lá intimamente satisfeitos porque verificamos que, á medida que a data da abertura da exposição se aproxima, recrudesce o entusiasmo, avolumando-se o numero de inscrições de expositores, de uma forma consideravel.

Ainda hoje ali nos forneceram uma enorme lista de boletins de expositores, que juntando ás que já nos forneceram, atinge alguns milhares.

A falta de espaço não nos tem permitido publicá-las, mas esperamos muito brevemente começar a tornar publico os nomes de particulares, empresas ou casas comerciais e respectivos artigos com que concorrem.

Esta publicação permitirá ao país avaliar do incremento que vai tomando a nossa representação na grande feira mundial do Rio de Janeiro, graças á boa orientação do Comissariado do Governo e ao zelo dos seus colaboradores.

No numero de inscrições a que acima nos referimos, ha uma que nos merece especial menção. Trata-se do museu Rafael Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, que, segundo oficio enviado ao Comissariado pelo seu director, o ilustre poeta Cruz Magalhães, far-se-ha representar brilhantemente, concorrendo com obras daquele grande artista ainda não expostas, e com uma monografia sobre o museu e obra do genial artista Rafael Bordalo Pinheiro. Esta monografia será distribuida profusamente no Brasil.

A representação artistica de Portugal causará necessariamente uma grande sensação. Não somos nós que o dizemos. Diz-nos o numero importante de boletins, com a inscrição de escultores e pintores nacionais que residem em Portugal e estrangeiro, que afluem constantemente ao Comissariado.

A Cordoaria Nacional, que no genero é o mais importante estabelecimento do país, enviará ao Rio de Janeiro um interessante mostruario dos produtos que confecciona. Isto quere dizer que os estabelecimentos publicos continuam a contribuir para o bom exito do grande certame.

Ha tempo fizemos referencias a adesões identicas e esperamos mui brevemente ter ensejo de registar ainda mais de igual valia.

TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos
nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18 — Praça dos Restauradores — 18

VITAMINA
FERMENTOS
indispensaveis á vida
Alimento biologico completo
Especifico do crescimento da criança
DEPOSITARIOS
ALVARO CAMPOS, LIMITADA
LISBOA — 103, Rua Garrett
PORTO — 90, Rua Sá da Bandeira

AS GRANDES INICIATIVAS

A HIDRO-ELECTRICA EM PORTUGAL

Fala D. Juan Urrutia

COMO NOS PODERIAMOS INDEPENDISAR DO PESO DAS IMPORTAÇÕES

Sem contar a interrupção que o secretario deste jornal, dizendo-se, como todo o chefe, coacto pela força anunciadora que quere até as costas do leitor para lhe colar anuncios,—esta entrevista teve na sua ultima parte duas interrupções.

A concepção historica de Urrutia

A primeira produziu-a D. German de la Mora que, aproximando do chapeu preto e mole de D. Juan Urrutia, o seu senhorial chapeu côr de azeitona de Elvas, lhe disse num minuto feliz de orgulho aristocratico:

—Negue v. agora, D. Juan, o poder dos seculos. *(E apontava, num elegante gesto, o monumento, as copas seculares, o scenario).* Negue agora a força fascinadora da Historia!

D. Juan Urrutia desaparafusou as pernas, num movimento de quem corre para uma provocação e respondeu:

—Para mim o ciclo da vida começa no meu pai e acaba no meu filho. A vida é o momento presente.

—Não diga v. *barbaridades!* recomendava D. German de la Mora, o fidalgo, o conservador, genro de D. Antonio Maura. V. é um homem culto que não sente o que diz! A sucessão dos momentos presentes fazem o passado, a historia...

—Homem! Fique você com a Historia, põnha-a numa redoma, e faça com que ela não me venha entravar o *meu* momento presente! Estamos aqui homens da mesma época, portugueses e espanhois: pois bem, diga você á sua querida Historia que nos não venha perturbar. Esse *tonto* de Filipe I, leve-o você daqui, para o mais longinquo *rincon* da Historia!

Um grande sonho

Segunda interrupção: alguem, que é alguem, convidando a tomar logar no automóvel, para D. Juan Urrutia acabar de vêr o Bussaco, das imponencias resumidoras da Cruz Alta. E foi já lá em cima, que D. Juan Urrutia continuou:

—Nada de sacrificar a vida á morte, o progresso e a criação de riqueza á Historia. A vida é o momento presente! E que belo, o momento em que eu vivo! Com a electricidade revelando-se-nos em todos os seus segredos, com a aviação... Ah! asseguro-lhe que, apesar de eu saber muito bem que os resultados não podiam ser outros, quando eu vi os transvias de Madrid andarem com a energia electrica que eu levei a Madrid, vivi um grande consolador minuto!

—E está senhor já de toda a tecnica, de todos os segredos da administração...

—Sim. Sem medo de concorrencia, nem alemã nem americana, nenhuma! Feita pela guerra aquela longa solução de continuidade com a Alemanha os americanos pensavam em vir á Europa tomar o lugar dos alemães. Aqui em Espanha se apresentou um americano. Muito bem. Mas não atendeu ás condições sociais dos dois continentes e sobretudo dos dois países. Agora já não, mas então a mão de obra em Espanha era tão barata que quem a quizesse substituir por maquinaria se encontraria em condições de inferioridade economica. Era um erro. Esse americano praticou esse erro. E a sua tentativa, ruiu. O engenheiro precisa de ter sempre presente o condicionalismo comercial das empresas, sem o que, em vez de espalhar riqueza, semeará ruina!...

O que vale a firma dum homem ilustre e honrado

—Compreende-se...

—Tive sempre em vista o interesse dos grupos que financiam os meus empreendimentos. E' por isso que o capital tem fé em mim, a ponto de no ano de 1921 só com a minha firma pessoal eu levantar quarenta milhões de pesetas. E toda a gente sabe que eu não sou rico. O que posso ter eu? A valorização das acções que tomo das proprias empresas, para me solidarizar, a valorização do meu trabalho, nada mais!

Como Portugal seria rico e feliz

—O seu grande e respeitado nome!... Diga-me: concluido o Lindoso, com que energia ficamos? E ficamos por ai?

—O Lindoso, só, não; mas o Lindoso, o Rabajão, com o Paiva e o Cavado, teriamos energia para accionar e alumiar todo o norte de Portugal. Para o sul, precisar-se-ia do Tejo e do Douro. Do Tejo pode fazer-se muito. De 15 metros cubicos por segundo que leva no verão, poder-se-ia ir a 60 metros cubicos. O Douro, que leva no verão 25 a 30 metros cubicos por segundo, pode ir até 100 metros cubicos por segundo. Com o Tejo e o Douro fechariamos o ciclo hidro-electrico, e Portugal tornar-se-ia economicamente independente. Dispensava-se o carvão, poderia trabalhar as cortiças, cultivando as colonias teria o algodão, que a energia electrica manufacturaria a preço de combate, teriamos as madeiras, a juta, o arroz e o trigo, e libertando-se da vassalagem importadora, passaria a ser um exportador.

O grande silencio que enfaixava o plató, e ajoelhando ante a alta cruz nos circundava e murava tudo até á planicie, parecia acentuar-se para que os portugueses escutassem bem as palavras daquele homem ilustre e experiente, que continuava traçando-nos um destino luminoso.

—O problema do norte pertence á iniciativa particular, ao capital, á fé, ao tempo e ao trabalho! O do sul, só pode ser resolvido com as quedas do Tejo e do Douro e que já estão sob o cutelo dos governos português e espanhol. Se os governos esquecem espectros imperialistas, se dão um *puñetazo* na historia, e dizem ao Passado—*Vaya-se usted*... bem. Porque quanto a nós, nós entramos em Portugal, criando riqueza. Vimos a trabalhar, com os instrumentos e o criterio da nossa epoca. Ao diabo, a tradição se ela tem de nos estorvar a vida. *Ustedes* querem ser portugueses, amam muito a sua lingua, a sua Historia? Pois sejam portugueses. Os espanhoes querem continuar espanhoes, pois que não parem! Revejam-se nas suas respectivas tradições, mas contanto que a grandeza do passado não venha empequenecer o futuro, estorvando-o!

D. Juan Urrutia, serenamente sentado no murito que debrua o plató do cruzeiro, ergueu-se agora como que para a sua voz subir mais alto:

—Por mim, quando trato de assuntos hidro-electricos, nunca me lembro que lingua falo. É a linguagem do trabalho! Encontramos no nosso caminho liso este nucleo de homens conhecidos pelo grupo Sotto-Mayor. Quando Antonio Vieira Pinto entra no meu gabinete, anuncio sempre aos meus amigos espanhois:—*«És un amigo mio. Y á lo demas és Pinto!»* Tenho pela inteligencia dele uma grande e convicta admiração! Depois é duna *actividad, duna mobilidad!*... Parece á primeira vista que essa *mobilidad* lhe não deixará fixar-se num assunto. *Cá!* dá-se-lhe um assunto, chama-se-lhe a atenção, e é vê-lo como ele desfibra num golpe de genio todos os meandros do problema. Por isso tem Antonio Pinto uma situação em Espanha como não é facil. Entra em toda a parte, e em toda a parte é estimado e escutado. E assim tem o grupo Sotto Mayor feito a penetração de Espanha onde o seu prestigio e o seu credito são enormes.

«Todos sabem que têm esse credito, que têm um grande credito, mas o credito de que a casa Pinto & Sotto Mayor, goza em Espanha ainda é maior do que o que ela sabe que tem!... Fomos um para o outro lealmente, sem reservas. Se quizermos, estes dois povos, entrar no caminho venturoso das grandes realizações, temos de fazer o que o meu grupo e o grupo Sotto Mayor fizeram: dar as mãos, sem *partis-pris* historicos. Olhemos para deante e não façamos caso das contas do passado. Não criemos espectros, criemos riqueza, não semeemos politica, semeemos pão!... A hidro-electrica é a resolução do problema economico e financeiro português. Querem *ustedes* resolvê-lo? Vamos a isso! Vamos trabalhar! Vamos viver o nosso tempo, cumprir o nosso ciclo!...»

Assim falou D. Juan Urrutia, iluminado de fé e de sinceridade.

Nós é que não transcrevemos para aqui todas as suas palavras, e as que aqui repetimos não são mais do que um enevoado resumo daquele verbo policromico, niagaresco, deficientemente, tal qual a areia duma ampulheta que poderá contar mas nunca reproduzir ou exprimir os minutos da eternidade.

Lopo de Carvalho
Director do Sanatorio Sousa Martins
Lopo de Carvalho, filho
Professor da Faculdade de Medicina de Coimbra
DOENÇAS PULMONARES
Calçada do Carmo, 3, 1.º (ao Rocio)

Mundanismo

Aniversários

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Viscondessa de Almeida, D. Ana de Jesus Maria Berquó de Mendonça (Loulé), D. Berta Mauperrin de Castelbranco, D. Maria José Barbosa Gorjão Henriques, D. Maria Teresa Valejo Marques Soares Mendes, D. Gilda Jardim de Freitas Brandão de Melo, D. Gerty Wolff Ferrão de Castelo Branco e D. Ester Armanda Ramos Monte Cimbra de Valsassina.

E os srs:

Conde de Calheiros, visconde de Sacavem, dr. Francisco de Meireles Leite Pereira de Abreu e Sousa, dr. Antonio Teles da Silva (Tarouca), Carlos Ferreira dos Santos e Silva, Carlos de Seixas Palma, Vasco Rigamonte de Oliveira e Jorge Croner.

Casamentos

No sabado realizou-se na capela particular da residencia da senhora D. Virginia Adelaide Segurado de Castro e do sr. dr. Augusto José de Castro, á rua de Lapa, o casamento de sua gentilissima filha a senhora D. Virginia Segurado de Castro, com o distinto capitão de artilharia sr. José Maria Valente de Carvalho, filho da senhora D. Maria Rosa de Jesus Oliveira de Carvalho, já falecida, e do sr. coronel de artilharia sr. José Maria Valente do Carvalho.

Serviram da madrinhas a mãe da noiva e a senhora D. Beatriz Valente de Carvalho Couto Viana, irmã do noivo, e de padrinhos os pais dos noivos.

Foi celebrante o ilustre prior da freguesia, sr. dr. Domingos Nogueira, que foi acolitado pelo reverendo Pedro Calvo Buhevarria, tendo feito antes da missa uma brilhante alocução.

Terminado o acto religioso foi servido na magnifica sala de jantar da residencia um finissimo «lunch» fornecido pela acreditada «patisserie» Benard, seguindo os noivos no comboio da noite para Santarem, onde vão fixar residencia.

Povoando as salas viam-se as senhoras:

D. Maria Barbara de Avelar Machado, D. Maria Madalena Cisneiros Ferreira, D. Amelia Achemann Pereira da Silva, D. Maria José de Avelar Machado Bravo Borges, D. Ilda Achemann Pereira da Silva Buceta Martins, D. Luisa Veiga da Cunha, D. Lavina Tovar de Lemos, D. Maria Luisa Salema Manuel (Atalaia), D. Beatriz Valente de Carvalho Couto Viana, D. Maria da Conceição de Lemos e Lima de Almeida Valente, etc.

E os srs.:

Coronel José Maria Valente de Carvalho, major D. Miguel Pereira Coutinho (Soydos), D. Henrique Cisneiros Ferreira, capitão Oleiro, tenente Buceta Martins, Manuel Bravo Borges, dr. Domingos Nogueira, D. Antonio Salema Manuel (Atalaia), Manuel Couto Viana, José de Avelar Machado, alferes Julio Caldas, padre Pedro Calvo Echevarria, Manuel Cisneiros Ferreira, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

As honras da casa foram feitas pela sr.ª D. Virginia Adelaide Segurado e Castro, seu marido o sr. dr. Augusto José de Castro, suas gentilissimas filhas D. Maria Elisa e D. Maria Amelia, e por seus filhos dr. Jorge e Augusto, que foram incansaveis de amabilidade, pondo assim mais uma vez em destaque as suas fidalgas qualidades.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã em S. Carlos, ultimo concerto da orquestra filarmonica de Madrid, no Nacional recita da moda, 2.ª representação da peça «Os Tenorios» de Ramada Curto, no Politeama recita da moda com a peça «A Casaca Encarnada», de Vitoriano Braga e no Cinema Condes, «soirée» da moda.

Nos salões

A senhora D. Alba Colaço ofereceu na tarde de domingo na sua elegante residencia á rua Pinheiro Chagas, a algumas pessoas das suas relações uma interessante «matinée» musical, em que tomaram parte as senhoras D. Antonia Colaço, D. Mavildia Andrade, D. Maria Victoria Sobral Cid, D. Maria Rey Colaço, D. Alice Rey Colaço, D. Adelaide Sabido da Costa e D. Leopoldina Correia Pereira de Sousa e Faro. Os acompanhamentos foram feitos pelas senhoras D. Laura Wake Marques, sua filha D. Maria Rey Colaço, D. Antonia Colaço e pelo ilustre professor sr. Alexandre Rey Colaço, que a pedido da assistencia executou magistralmente varios trechos de musica.

Terminado o magnifico programa foi servido um «poiche».

A ilustre dona da casa, bem como suas irmãs, D. Lecticia e D. Antonia, foram inexcediveis de gentileza para com os seus convidados.

Devido á falta de espaço só ámanhã publicaremos a nota de assistencia.

"Paris em Lisboa,,
Acaba de chegar da capital francesa o socio deste importante estabelecimento do Chiado, sr. Carlos de Sousa, que trouxe o que de mais chic e elegante a ultima moda apresenta.

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.
Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais. Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 10.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Fórmigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 11.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, curação e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

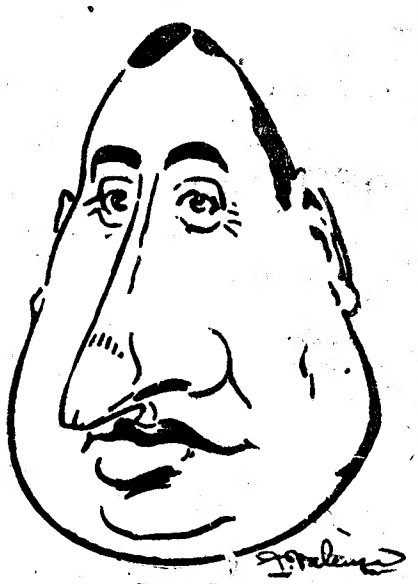
ANTE-PRIMEIRAS

UMA OPERETA PORTUGUESA

No teatro S. Luís

André Brun

Pedro Blanch



Carlos Simões

André Brun, um dos seus autores, é entrevistado pelo "Diario de Lisboa" sobre

"A LENDA DOS TARLATANAS"

André Brun passeia, fumando um cigarro, no jardim de inverno do teatro S. Luiz. O ensejo é optimo para lhe pedirmos que nos diga alguma coisa ácerca de *A Lenda dos Tarlatanas*, que os artistas de Armando de Vasconcelos vão interpretar amanhã pela primeira vez, e ele não se faz rogado.

—Meu caro amigo! Quem conhece pouco que seja o fundo piégas do meu espirito de humorista pode ajuizar a minha comoção ao voltar a ser representado neste teatro que foi de D. Amelia, que foi da Republica e hoje é —como devia ser— de S. Luiz, de S. Luiz Braga, do visconde. Olhe, neste mesmo logar em que estamos conversando, todas as tardes se reuniam meia duzia de cadeiras em torno do cadeirão de palha onde pontificava esse santo homem, que todos os que foram seus amigos não saberão nunca esquecer. Foi um grande amigo e foi um grande empresário. Cada dia se sente a sua falta e nenhum como ele soube acarinhar os seus autores, disciplinar e conduzir os seus artistas e aliar o tacto administrativo a um vivo desejo de fazer arte, uma arte eclética, em que todos os generos eram bemvindos desde que fossem de boa qualidade.

Vejo-me ainda aqui sentado junto dele, caturrando, irritando-o ás vezes pelas minhas «boutades» emquanto ao nosso lado, Antonio Ramos e Augusto Rosa nos escutam sorrindo. E vejo outros mortos: o velho Celestino, Manoel Penteado e João Foca, dois queridos amigos-irmãos, vejo todos os comediantes do visconde hoje dispersos, vejo Rui Chianca hesitante trazendo debaixo do braço o manuscrito de «Aljubarrota», vejo o Marcelino entrando com a sua barbicha e a sua capa de mosqueteiro, vejo Dantas e Augusto de Castro, vejo Schwalbach, todos em torno desse espirito de eleição, desse explendido coração, que, nas horas tristes do seu declinio, aparecia na varanda da sua casa de jantar da rua Ferreira Lapa com chapeus de mulher na cabeça para alegrar os desoito meses da minha Aninhas, que para ele estendia, da sua janela tambem, as mãositas côr de rosa e o melhor riso da sua boquinha de criança. Mas tudo isso é o passado e quere que eu lhe fale...

—Do presente, de *A Lenda dos Tarlatanas*...

—Quando ha vinte anos, Carlos Simões e eu nos estreámos no teatro da Rua dos Condes com o *Tabelião do Pote das Almas*, o exito dessa comedia, que vivia muito do pitoresco da epoca em que se passava, levou-nos a gisar varias peças alegres de ambiente historico. Sou daqueles que julguem possivel fazer-se teatro absolutamente português e Carlos Simões que é, nas horas vagas, um investigador, pensa como eu. Seguiu-nos então um meio curioso pouco conhecido, que nunca fôra posto no teatro: o da guarda nacional, milicia burguesa cujo papel se evidenciou em horas tragicas da politica de entre trinta e quarenta. Os guardas nacionais, antes de se fazerem massacrar nas lages do Rossio para que uma rainha podesse fazer rodar o seu coche sobre as poças de um sangue ainda fresco, eram essencialmente figuras de comedia. Esses pacatos lojistas, que todos os domingos iam, ferozmente apetrechados, fazer exercicios militares para as hortas dos arredores e para as cercas de conventos, como o de Jesus, emquanto a familia transportava os farneis que se haviam de comer sobre a relva no intervalo das evoluções tacticas, foram, como as de Luiz Filipe que Dassmier e Gavarin imortalisaram, tipos de caricatura bem vincada. A Lisboa de 1836, epoca aproximada da nossa peça, tinha outros aspectos curiosos. Ainda havia velhos sebastianistas, as coplas do Bandarra e as do Pretinho do Japão impressionavam certos espiritos e acreditava-se em almas do outro mundo. Durante meses, o largo onde se juntam a rua do Vale, a travessa do Convento de Jesus e a rua das Parreiras e onde hoje pinoteiam os alunos do liceu, foi campo de acção de um fantasma terrivel que por ali arrastava cadeias e passeava envolto num sudario terrificante. Afinal soube-se que era um patusco que desse meio se serviu para afugentar os que porventura podessem contrariar uma aventura amorosa em que o atrevido andava empenhado.

Foi toda essa ambiencia ratona e pitoresca qve nós pensámos ressuscitar.

— «Deve ser, efectivamente, muito teatral...

— «Circunstancias varias fizeram com que os apontamentos coligidos ha cerca de vinte anos, as anecdotas então colhidas da boca de certos velhotes do tempo, só agora tivessemos tido ensejo de os aproveitar, seduzidos como fomos novamente pelo seu caracter bem nosso. *A Lenda dos Tarlatanas* resultou uma farça genuinamente portuguesa, de uma graça voluntariamente ingenua, cujo primeiro acto se passa numa confeitaria do largo da Sé no dia da eleição do capitão da guarda nacional do sitio, que nos transporta em seguida a um serão burguês em casa de um arquivista do Tombo e que acaba numa quinta em Benfica numa tarde de parada das celebres tropas milicianas.

— «E cheia então de movimento?

— «Os dois actos extremos. O segundo é, alvo no seu final, de pura farça, um acto de comedia.

— «A colaboração de Pedro Blanch tem suscitado um grande interesse. E' a sua estreia de compositor musical, não é verdade?

—«Com efeito. Estimariamos. Carlos Simões e eu temos dado ao talento de Pedro Blanch melhor ensejo de se expandir. A partitura de *A lenda dos Tarlatanas* tem que ser uma serie de paginas simples, brincadas, que se adoptem bem ao caracter leve da peça. Assim o compreendeu muito bem Pedro Blanch, cujo trabalho plenamente nos satisfaz. Leve, graciosa, primorosamente orquestrada, como era de esperar, a sua musica associa-se admiravelmente ao nosso libreto. Em trabalhos futuros, que temos ajustados, Blanch terá maiores ouzadias de abrir as asas ao seu éstro. Entretanto, estamos-lhes muito gratos.

—«Uma peça como a vossa carece de uma enscenação cuidada...

—«Armando de Vasconcelos, um excelente amigo, tem-nos tratado com o maior interesse. A Empresa dos Materiais de Teatro fornece o guarda roupa. Abundem os documentos do tempo e Luís Galhardo, director da citada empresa, ha de decerto ter selado como lhe cumpre a tarefa que lhe incumbe. Os scenarios são apropriados e a enscenação é viva, animada, quando isso se torna necessario.

—«Quanto aos artistas...

—«Toda a companhia do S. Luís, excepção feita de Armando da Vasconcelos e de Correia. Todos puzeram o seu talento ao serviço da nossa obra. A alguns devemos a atenção de terem cuidado, como se fossem grandes primeiros papeis, de certas figuras, não direi apagadas, mas menos pesadas do que as habitualmente lhes competem.

—«Resumindo, confiam os autores no exito da sua peça...

—«Temos a certeza que o publico assistirá a um espectaculo decente, que todos os ouvidos podem ouvir, e esperamos que, a não ser que manifeste agora as exigencias ferozes que tem poupado a obras de mesmo genero, se distrairá vendo uma pagina pitoresca da historia alfacinha. As nossas pretenções não fôram grandes e confiamos que assim o entenderão a plateia e a critica. Quanto a nós, autores, escrevemos a lenda de um excelente humor e para mim foi um grande prazer voltar a colaborar com Carlos Simões, o meu companheiro do meu primeiro exito. Oxalá nos acompanhe a mesma sorte que bafejou o nosso *Tabelião do Pote das Almas*...»

... E André Brun deixou-nos para voltar ao seu ensaio.

Reina no teatro S. Luís uma atmosfera de bom trabalho e de alegria. Todos confiam que a opereta portuguesa terá mais uma ocasião de provar que não é, como alguns pretendem, um genero asfixiado pela revista e pela peça de grande espectaculo. O que ela precisa é que os autores e musicografos por ela se interessem.

* * *

Cinema Condes

Uma visão da Historia

Estreia-se hoje, de tarde e á noite, no Condes, uma admiravel visão historica, *A Verdade Vence*, cuja 1.ª época se passa nos velhos tempos de Roma, scenografada e vestida com extraordinario explendor. A protagonista deste soberbo *film* é a grande actriz Mia May, a principal interprete dos *Misterios do Oriente*. Outro curioso *film* é o do *Cruzeiro do submarino alemão U 35*, que vai causar sensação. O programa de hoje é explendido, sob todos os aspectos.

Teatro de S. Carlos
Sociedade do Teatro de S. Carlos, Ltd.
Telefone C. 5063
HOJE — terça-feira, 11 — ás 21 horas e meia
3.º CONCERTO pela
ORQUESTRA FILARMONICA DE MADRID
sob a regencia de PEREZ CASAS
Ámanhã — 4.º e ultimo concerto

AVENIDA
FESTA ARTISTICA
DO ACTOR JOÃO SILVA
O Toureador
BREVEMENTE
Perola Negra

CAMBIOS E BOLSA
SAQUES SOBRE O ESTRANGEIRO
Compra e venda ás melhores taxas
EXECUÇÃO DE ORDENS DE BOLSA, TITULOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
Pancada, Morais & C.ª
Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

POLITEAMA
Ás 21,30 Telef. N. 3028
Segunda representação extraordinaria da peça de grande exito
A CASACA ENCARNADA
Interpretação soberbissima de Lucilia Simões, Judice Caruson, Erico Braga e Ribeiro Lopes
Sabado, 15 — Receita de homenagem a Lucilia Simões — 1.ª representação da peça de Kistemaeckers
MULHER QUE PASSA
(La Passante)

APOLO Telef. N. 4129
A peça de maior agrado na actualidade
E'
A revista fantasia
BELO SEXO
Enchentes todas as noites

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

O grande concerto das nações

Critica musical á margem da Conferencia de Genova.

Lloyd George declarou já, na sinfonia de abertura de Genova, com uma britanica prudencia diplomatica, que é este o maior concerto de nações europeias que se tem realizado no continente.

Em boa verdade, não se pode dizer o contrario. O programa é esplendido—é quasi um programa de recita de gala, com um trecho de musica russa escolhido a capricho—para épater le bourgeois.

Ha musica para todos os paladares, desde as canções sentimentais do Volga, tocadas de melancolia em dó menor—em dó de peito—até ao fadinho da Mouraria, terno, brigão e amoroso, que a nossa guitarra vai tanger a Genova.

O grande concerto das nações! Ha musica italiana, a musica nostalgica e doente das serenatas de Venesa; ha musica francesa, musica de Versailles—da grande partitura incompleta que se chama o Tratado de Paz; *ha musica inglesa, musica alegre, cheia de vida—e doçura, musica que desagrada a ouvidos franceses, mas que tem em Tchitcherine um admirador reservado e sincero—um admirador do talento e da sabia diplomacia que Lloyd George põe na execução da parte do programa que lhe compete—talvês a mais dificil.*

E Lloyd George é um solista admiravel. A primeira sinfonia, no allegro andante, *tem um solo de violino que o grande musico-diplomata executou com uma habilidade toda feita de reminiscencias do violino de Kubelick,*

O primeiro concerto teria sido esplendido, se o naipe de flautas russas não tem desafinado, precisamente quando o publico se interessava mais pela musica bolchevista do Volga. Os dilettanti da musica francesa patearam. M. Barthou, chefe de naipe, quiz ainda reatar o fio do interesse que a assistencia estava mostrando pelo concerto. Em vão procurou desfazer o efeito da fifia de Tchitcherine.

Já era tarde. Os criticos retiraram-se com a impressão de que os varios naipes não estão afinados á altura do concerto. E terminou assim a primeira audição.

Norberto Lopes

A encorporação de recrutas de 1922

A encorporação dos recrutas das armas de infantaria e engenharia é de 27 a 30 do corrente mês.

AS FERIAS DA PASCOA

A secretaria da guerra autorizou todos os commandantes das unidades a concederem licença a todas as praças com bom comportamento e que não façam falta ao serviço, a irem passar as festas da Pascoa em companhia de suas familias.

CAMBIOS

DIA 11

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	59$000	61$000
Londres, cheque	4 3/19	4 1/2
» 90 d. v.	4 1/2	—
Rio Londres	7 19/32	—
Paris	1$142	1$175
Itália	$639	$658
Bélgica	1$059	1$090
Suiça	2$415	2$486
Espanha	1$920	1$981
Berlim	$040	$045
Holanda	4$702	4$800
Nova-York	12$453	12$812
Austria	1	3
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	1$100	1$200

UM ASSUNTO HISTORICO QUE REVIVE

Os nuncios em Portugal feitos cardeais

A proposito da imposição do barrete cardinalicio a monsenhor Locatelli

O ilustre investigador e bibliografo sr. Jordão de Freitas escreve uma carta ao "Diario de Lisboa"

O ilustre e autorizado critico historiador, sr. Jordão de Freitas, envia-nos uma carta que pretende completar as informações dadas ao *Diario de Lisboa* pelo sabedor e autorizadissimo erudito que é o dr. Santos Farinha.

Devemos dizer ao distintissimo escritor que é o dr Jordão de Freitas, e aos leitores destes assuntos, que—áparte os pormenores historicos, que não nos parecem ineditos e que se encontram na carta abaixo—o *Diario de Lisboa* logo de começo teve ocasião de colocar esta questão no seu verdadeiro pé.

O dr. Santos Farinha, igualmente com pormnores e erudita elevação salientou ao nosso redactor exactamente aquelas considerações que são o maior titulo da esplendida carta do sr. Jordão de Freitas.

O privilegio consistia na elevação ao cardinalato dos nuncios do Santo Padre em Lisboa, e a imposição do barrete era uma cerimonia consequente. Citar este é, implicitamente na nossa prosa, reconhecer aquela.

Pelo manuseamento facil da *Historia da Igreja em Portugal*, entre outros volumes, se pode chegar até a pormenores curiosissimos que—conforme o nosso ilustre correspondente sabe—não cabem muito á vontade num artigo precipitado de jornal.

Sr. Director do Diario de Lisboa:—A proposito da entrevista ontem publicada no jornal que V. superiormente dirige, concedida pelo ilustrado e douto sr. padre dr. Santos Farinha, tomo a liberdade de ponderar a V. e ao seu entrevistado que, em meu parecer, e no que respeita aos Nuncios de Sua Santidade em Lisboa, o privilegio que a Corôa Portuguesa solicitou e obteve da Curia Romana, no reinado do magnanimo D. João V, não consiste propriamente ou apenas na *imposição do barrete cardinalicio* aos Nuncios no nosso país—prerogativa certamente muito honrosa, porém (quanto a mim) bastante secundaria—mas sim em estes serem *promovidos á dignidade cardinalicia* antes de saírem de Portugal, concluida a sua missão apostolica.

«Havendo-se dedignado as Côrtes de Paris e Madrid de que dellas sahissem os seus respectivos Nuncios sem os barretes de cardeais; e tendo-o assim estabelecido a favor de ambas a Curia de Roma; mandou o Senhor Rey Don João V representar ao Papa que Monsenhor Bichi, Arcebispo de Laodicéa, que se achava com o mesmo caracter na sua Côrte, não era ao mesmo Senhor decoroso que della houvesse de sahir *sem ser promovido á mesma dignidade*. Tratou-se sobre esta materia huma negociação tão trabalhosa, como eram todas as que então tratava Portugal naquella Curia» («Collecção dos negocios de Roma no reinado de El-Rey Don José I...»—Parte II, pag. XLVII).

Isto sem deixar de ter presente que, além de outros, os ultimos três Nuncios do reinado de D. Pedro II foram tambem cardeais: Mons. Tanaza, Mons. Cornaro e D. Miguel Angelo Conte, arcebispo de Tarso, que ainda serviu no reinado seguinte e mais tarde Papa, com o nome Inocencio XIII (1721-1724).

O Nuncio Mons. Vicente Bichi, a quem a entrevista se refere, foi mandado sair de Lisboa em 24 de Março de 1728 (no pontificado de Bento XIII) e só foi promovido a cardeal em 1731, por Clemente XII (1730-1740), como se vê no Breve «Dignitatem animique magnitudinem», de 24 de Setembro de 1731. Nesta mesma data foi tambem promovido Mons. José Firrao, arcebispo de Nicea, (antigo Nuncio extraordinario, depois revestido de poderes *a latere*), a quem o Secretario de Estado, Diogo de Mendonça Corte Real mandou entregar os passaportes e fez tambem sair de Portugal no dia 31 do mesmo mês de Março de 1728.

O outro mencionado Nuncio, D. Caetano Ursini de Cavallieri, arcebispo de Tardo—a quem sucederam, ainda no reinado desse mais tarde «Fidelissimo» monarca, D. Jacome Oddi (arcebispo de Nicea) e Mons. Luca Tempi (arcebispo de Nicomedia)—faleceu repentinamente em Lisboa a 10 de Outubro de 1738, sem haver recebido o capelo.

Ajuda, 8 de Abril de 1922.

De V., etc., *Jordão de Freitas.*

A demissão do governador de Benguela

O sr. dr. Bossa da Veiga conferenciou hoje com o sr. ministro das Colonias

O sr. dr. Bossa da Veiga, que foi exonerado pelo Alto Comissario de Angola de governador do distrito de Benguela, teve uma larga conferencia com o sr. ministro das colonias, a quem expoz toda a questão de que resultou a sua demissão.

A fome na provincia de Cabo Verde

Entrega de 500 contos por conta do credito de 1500 votados pelo Parlamento

Pelo Banco Nacional Ultramarino foram hoje entregues ao governador de Cabo Verde, para os famintos d'aquele arquipelago, 500 contos á conta do credito de 1500 contos votados pelo Parlamento numa das suas ultimas sessões.

A lampada PHILIPS

E' sempre preferida em todo o mundo, por ser a melhor

RAUL VIEIRA, Ltd.

RUA DA PRATA, 51 — TELEFONE 3586 C.

Tem DEPOSITO de todos os tipos e intensidades

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

Lampadas para AUTOMOVEL e para FOGÃO

Os Teatros

A festa de Alice Pereira

No Chiado Terrasse realiza na noite de hoje a sua primeira festa artistica a gentil actriz Alice Pereira. Representa-se pela ultima vez a interessante farça «O ilustre governador» na qual a festejada interpreta um papel de responsabilidade. O Chiado Terrasse deve ter uma enchente dadas as simpatias justas que rodeiam o nome aplaudido de Alice Pereira.

Atrás do reposteiro

A fim de que não volte a repetir-se o que se deu com a revista «Taliaman»—hoje já expurgada de ditos equivocos—foi determinado exercer-se censura neste genero de peças, logo após a sua primeira representação

—Desligou-se da companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, ontem, á tarde, o actor Gil Ferreira, isto é, a cinco dias do embarque desta companhia para o Brasil, o qual se efectuará no proximo sabado.

—A gentil actriz Tina Coelho, que ontem fez a sua festa no Salão Foz, recebeu um numero incalculavel de brindes, quasi todos de subido valor e requintado bom gosto.

—No Nacional marcam-se desde ámanhã, sem data fixada por emquanto, logares para a recita de José Ricardo, que se efectua com a «reprise» da peça «O Centenario».

—Foi contratado para a epoca de verão no S. Luis, devendo desempenhar um dos «compères» da «Revista de Praxedes», o actor Viriato Lima, ha muitos anos afastado de palcos portugueses.

—Assumiu a direcção artistica do guarda-roupa da Empresa de Materiais de Teatro, logar que fôra ocupado por Barbosa Junior, o sr. Henrique Santana.

—Realiza hoje, no Avenida, a sua festa artistica, com a peça «O Toureador», o apreciado actor comico João Silva.

—Com a garantia, oferecida pela respectiva empresa, de uma lotação completa, o actor Ribeiro Lopes realiza a sua festa no Politeama com a peça «Mulher sem importancia».

—Foi contratada para o teatro Maria Vitoria, do Parque Mayer, uma actriz espanhola.

—Regressou a Lisboa ainda convalescente, o actor Alberto Ghira, devendo ser contratado para uma companhia tambem de Lisboa, o actor José Silva.

—Com um programa composto por numeros novos, de cuja execução se encarregam obsequiosamente artistas e amadores portugueses, efectua-se hoje ao Coliseu dos Recreios a festa de François Franca, antigo profissional da pista, tendo depois passado ás funções de «regisseur» que exerce com satisfação do publico, das empresas e dos artistas que ele coadjuva poderosamente.

França hoje trabalha como «clown», alternando com o mais velho dos Martinetti, artista engraçadissimo. Rui da Cunha reaparece com um aparatoso numero de força e um concerto de saxofones é tambem numero de valor, porque os seus seis executantes são musicos distintos, da Guarda Republicana. O programa é variado, incluindo trabalhos de ginastica aerea, argolas, forças combinadas, jogo de pau, etc. O actor Carlos Leal fará de «clown».

—No Nacional realizou-se esta tarde, com a presença do autor e do comissario do governo, o ensaio geral da peça «Os Tenorios», do dr. Ramada Curto, que á noite se representa pela primeira vez neste teatro.

—E' ámanhã, quarta-feira, que no elegante teatro Chiado Terrasse se realiza uma recita cujo produto reverte a favor do Lactario de S. José, que tem a sua séde na rua Alves Correia, 191, e é uma das instituições de beneficencia mais simpaticas de Lisboa, merecendo, por esse facto, toda a protecção do publico.

—A novel actriz Alda Rodrigues resolveu não fazer parte da «tournée» Lucilia Simões ao Brasil. Esta resolução era ontem muito comentada no palco do Politeama, havendo quem a atribuisse a misterios de amor.

Dizia-se tambem que a actriz Maria Judice da Costa e sua filha Brunilde acompanham a «tournée».

—A companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, depois de regressar do Brasil inaugurará no Porto, durante o mês de Outubro, um novo teatro que tem o nome da distinta actriz.

CARTAZ

S. Carlos—A's 21,30—3.º concerto da Orquestra Filarmonica de Madrid.
Nacional—Ás 21—«Os Tenorios».
S. Luis—A's 21—«A lenda dos Tarlatanas».
Politeama—Ás 21,30—«A casaca encarnada».
Avenida—Ás 21—«O Toureador».
Apolo—Ás 21—«Belo Sexo».
Chiado Terrasse—A's 21—«O ilustre governador».
Eden-Teatro—A's 20,30 e 22,30—«Talisman».
Salão Foz—21 e 22,45—«Giga-Joga».
Coliseu dos Recreios—Ás 21—Companhia de circo.
Gil Vicente (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas feiras—«Pim Pam Pum».
Teatro dos Anjos—Ás 20,30—Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario)—Aos domingos, segundas, quintas e sabados—Animatografo.

ARTIGOS E INFORMACÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

NO TEATRO NACIONAL

A "PREMIÈRE" DOS "TENORIOS"

O dr. Ramada Curto

descreve a sua nova peça e dá conta das enormes dificuldades que atravessou para a sua representação

Os *Tenorios*, drama de Ramada Curto, escrito há dez anos e que há dez anos dormia no arquivo do teatro Nacional, dão hoje a sua primeira representação. A peça é esperada com interesse—o seu autor, que tem bastante nome em politica, possue algum em teatro. Eis como ele aprecia o seu trabalho, num curto dialogo trocado com um redactor do *Diario de Lisboa*, em qualquer canto do Chiado:

—Encontrei mil entraves, dificuldades pueris, até bocadinhos de hostilidade. E a peça para lá estava. A principio, insisti com o Santos Tavares, sugeri ao Galhardo a conveniencia da sua representação. Depois, o meu interesse adormeceu—tal como os *Tenorios*. Ficámos a par...

—O despertar...

—Provocou-o Afonso Gaio. Lembra-se das varias cartas de autores teatrais que ele fez publicar num jornal da noite? Pois elas tiveram o condão de lembrar os *Tenorios*, nessa altura quasi impossiveis de descobrir, tal a camada de pó formada com o correr dos anos.

—O entrecho?

—Em poucas palavras:—Ele é banal. Não tem complicações, não tem filosofias amplas, idealismos transcendentais. Uma rapariga ingenua, muito ingenuasinha, (se ainda aí ha!) apaixona-se por um homem, um homem malicioso — como nós outros. Ele faz por atraí-la e um dia finalmente ela cai. Cedeu aos desejos do seu sonho. Aparece gravida. E, desde então, começou a ser maltratada pelo amante, rudemente, asperamente, até que o sofrimento atroz que lhe infligiam, a obrigou a abandonar os maus tratos do companheiro. E fugiu. Mas... a criança nasce. Mortificada pela dor, sacrificada nas insanas desditas da vida, julga ver no antigo sonho — a mesma miragem divina de carinho, o mesmo ambiente delicioso de amor. O seu amante devia ainda estar apaixonado por ela. E regressa-lhe á porta, numa imploração de carinho. Ele recebe-a friamente. Amparar o filho? Sim. Era justo. De resto, nada mais. E aquela que fora outrora obra de tantos desvelos ante aquelas palavras frias, duras, duma algidez desconfortante, parte de novo, abandona a casa, foge pr'ó misterioso. E' isto a peça. Gostará o publico? Não respondemos a Ramada Curto. Porque esta noite...

A crise financeira na India

O governador da India insiste pela aprovação dos creditos pedidos, a fim de poder fazer face aos encargos da provincia que luta com falta de recursos financeiros.

Ler ámanhã:

Como foi morto o capitão Vaquinhas

A VISÃO DO CRIME

Grande reportagem pelo "detective" americano Jacksonn Smith

Noticias de longe

No Gabinete dos «Reporters» foi recebido o seguinte radio:

«O pessoal de segunda classe do vapor *Africa* segue bem e saúda suas familias e amigos, esperando chegar a Lisboa no dia 15.

AZAS DE GLORIA E DE MORTE

Dois minutos de silencio

pela memoria de Castilho Nobre, morto ha um ano num desastre de aviação

A travessia do Atlantico e o "raid" Lisboa-Madrid

O "Diario de Lisboa" entrevista o oficial aviador Lelo Portela

Quatro andares altos servidos de elevador. O porteiro declara-nos que muita gente boa vai pela escada. O nosso melhor argumento é que não nos considere gente boa e que ponha o ascensor a funcionar. Troca de palavras inuteis. Terceiro andar; carrego a campainha.

—Do «Diario de Lisboa».

A criada vai, e volta trazendo esta frase:

—O meu patrão diz que não quere o jornal. Compra-o todas as noites.

Sorrimos e subimos ao quarto andar. Até que emfim, é realmente ali que mora o sr.

Tenente coronel Castilho Nobre

Lelo Portela, aviador heroico, onze combates aereos contra os alemães, palma da Legião de Honra, Cruz de Guerra, de oiro, outras medalhas.

* * *

Aqui, na sala, temos uma taça de honra: 1.º premio de hipismo, no Porto, ano de 1913. Há um ano, por um dia de sombras, chuva e vento, Castilho Nobre, director da Aeronautica Militar, que voava num «Nieport» sobre a Batalha, quando o mosteiro se enchia de romeiros que iam comemorar o João Ninguem, o Soldado Português, sentiu no motor uma falha de velocidade; outra, e outra, e o aparelho desceu vertiginoso, afocinhando no solo, despedaçando-se, esfrangalhando-se.

Castilho Nobre morreu coberto de azas.

Acabou o introito. Sigamos agora a palavra do nosso Lelo Portela, que têm recolhimento evocando a figura de Castilho Nobre:

—Tinham-no convidado a ir num comboio especial á Batalha. Tenho aqui o oficio de quem o convidara, o sr. Freiria.

—Não quiz...

—Não. Sigo por via aerea e muito obrigado — respondeu.

—O desastre foi horroroso.

—O Nieport não era bom. Nesse dia cairam dois Breguets e outro Nieport.

Traçou a biografia de Castilho Nobre.

—Estev'na Africa com Massano de Amorim. Era o chefe do seu estado-maior. Regressou á metropole, passou á Inglaterra e lá tirou o *brevet*. Depois á França; Sidonio mandou recolher a aviação a Portugal e ele foi nomeado director da Aeronautica...

—E como director...

—Oh! leal camarada, franco. Impunha-se. Nunca quiz deixar de voar e podia fazê-lo. Seguia os perigos, acometia-os. Foi a Chaves e voltou de aeroplano. Bela viagem, terreno acidentado, Marão alto, para aterrissages.

—Da terra do Granjo.

Dois minutos de silencio.

—Tal como ele, franqueza rude.

—E na Aeronautica...

—Prestou belos serviços. Acabou com as *coteries*. Todos os aviadores foram chamados. Instalou o parque na Amadora, a escola em Sintra, uma escola mixta, perto de Tancos.

A conversa desconjuntou-se. Quizemos falar do *raid* Lisboa-Madrid e ouvimos:

—O que há a meu respeito? preguntou. Não sei nada. Quando não estou no Parlamento estou em Sintra. Sim, é possivel que se faça. Não é bem um *raid*, como lhe chama. Queira dizer antes: uma visita. Quando vim de Paris, de Madrid a Lisboa demorei duas horas e cincoenta minutos...

—Fez alguma aterrissage...

—Chuva, nuvens, eu e o Maia, quasi perdidos. De vez em quando, no meio das nuvens erecto, uma ponta dos Pirineus. O motor começou a queimar; descemos a mil metros, de improviso, o solo.

—Já agora, capitão, fale-nos das azas de Portugal que vão a caminho do Brasil...

—E' um grande *raid*. E' a primeira vez que se faz navegação aerea. O inglês que partiu da Terra Nova aterrou na Irlanda, sem saber onde estava. Valor pessoal, sim, mas este *raid* mete muita sciencia, precisão, calculo...

—Navegação aerea? O que é?

—E' seguir como um navio, tocando onde se quere, determinando os pontos de referencia. Se me dissessem vai ao Brasil, iria, mas por onde? Havia de chegar, mas era muito improvavel que pudesse, como eles, passar na Madeira, tocar em Las Palmas, descer em Cabo Verde...

—E agora Fernando Noronha...

—Três agulhas perdidas no mar, escondidas, rota tão extensa e tão percorrida de grandes ventos que nenhuma aza animal ou artificial sulcou ainda... E eles lá vão cair, justos, precisos... E' a primeira vez que se faz navegação aerea.

E o ilustre aviador, az dos azes portugueses, que em França levantou bem alto o nome da patria, diz-nos ainda:

—O sextante e o astrolabio são dois aparelhos interessantes que são susceptiveis de se aperfeiçoarem. Sobre um deles, Sacadura Cabral fez uma interessante memoria que foi discutida no Congresso Internacional de Aeronautica.

—Acredita no exito?

—Absolutamente! Só o motor pode falhar. Gago Coutinho é um magnifico observador...

Contra o jogo de azar

Prisão de dez «pontos»

Esta madrugada a brigada da policia encarregada da repressão do jogo, sob a direcção dos tenentes Pio e Lopes Soares, auxiliados pelo agente Gonçalves e varios guardas, percorreu varios clubs da baixa, nada tendo encontrado de suspeito em nenhum deles a não ser no Club Internacional, onde os «pontos» foram apalpados, sendo-lhes apreendidas, fixas.

Foram presos dez, incluindo o director do Club que pertence á colonia galaica.

FUNCIONALISMO

A PROPOSITO DE UMA LEI TRAVÃO

Nogueira de Brito

diz ao "Diario de Lisboa" o que pensa sobre o futuro diploma e quais são as suas qualidades e defeitos

Tem sido muito discutida entre o funcionalismo a proposta de lei recentemente apresentada ao parlamento, pelo sr. presidente do ministerio que estatue a não admissão, durante cinco anos, de mais funcionarios publicos. Porque se trata de um assunto que promete ser tão largamente debatido tanto no parlamento como entre todo o funcionalismo, *O Diario de Lisboa* ouviu no ministerio do Interior o sr. Nogueira de Brito, funcionario de uma das repartições daquele ministerio, jornalista distinto, defensor das reivindicações do funcionalismo.

— A proposta tem uma base absolutamente moral — começa o sr. Nogueira de Brito — mas não deixa contudo de ser imperfeita, de conter erros que a sua discussão parlamentar denunciará e que aliás são de facil modificação. Fecha a porta a novos funcionarios. Esta é a parte moral. Mas quem elaborou a lei esqueceu-se da fixação definitiva do numero de funcionarios que deve conter cada quadro para a sua remodelação.

«Devo dizer-lhe que se há, na verdade, repartições com muito pessoal a mais, outras existem que têm pessoal a menos. O que se torna indispensavel fazer, mas já, é a simplificação dos serviços burocraticos, contra os quais muito justamente toda a gente reclama, pois sucede muitas vezes que assuntos de facil resolução pelo telefone, são tratados por oficio, perdendo-se tempo e dinheiro.

«Há igualmente a necessidade de fazer a selecção do pessoal, distribuindo-o, segundo a sua categoria e conhecimentos literarios, pelas repartições onde esses conhecimentos possam ser aproveitados.

«De futuro, só deve ser permitida a admissão por concurso, a fim de acabar com os incompetentes, conseguindo-se ao mesmo tempo elevar a craveira do funcionario.

«Com a nova lei transitam para os diferentes ministerios todos os funcionarios do antigo ministerio dos Abastecimentos. E' justo, mas torna-se necessario fazer a sua selecção.

«Há um ponto da proposta de lei que tem levantado muitos reparos por parte dos funcionarios. E' a que se refere a licenças. A lei determina 90 dias durante o ano, incluindo neste numero as faltas por motivo de doença. Compreende que isto é injusto.

O Estado deve coibir abusos, porque os ha, mas não pode deixar de reconhecer aos funcionarios honestos e zelosos o direito de adoecerem porque ninguem adoece voluntariamente...

De resto o Estado tem uma junta medica que funciona no ministerio das Finanças, composta de pessoas idoneas de quem não é licito duvidar.»

Aproveitando o encontro com o sr. Nogueira de Brito, preguntámos-lhe o que pensava da reclamação há dias dirigida pelos funcionarios publiços ao sr. ministro das Finanças.

Respondeu deste modo:

—A Associação dos Funcionarios reclamou a equiparação de todos. Era seu dever defender os interesses dos seus associados. O sr. ministro das Finanças respondeu não poder atender, porque o pedido representava um aumento de trinta mil contos.

S. ex.ª deve ter razão, quanto á cifra. Mas, porque não fez essa equiparação por *étapes*? Limitar-se-ia, neste momento, ás secretarias. Admitamos mesmo que não o pode fazer a todos. Falo-ia a alguns. Esta é a minha opinião pessoal. Se estivesse á frente da associação de classe procuraria manter o principio de que devia ser para todos.

A Escola Profissional

e o Deposito de Fardamentos

O sr. ministro da guerra instou com o seu colega do trabalho para que a Provedoria da Assistencia Publica desocupe no mais curto espaço de tempo o edificio onde se encontra instalada a Escola Profissional em Santa Clara, que fica pertencendo ao Deposito Central de Fardamentos.

A Escola Profissional será transferida para o edificio anexo ao Instituto dos Pupilos do Exercito, em S. Domingos de Bemfica, onde em tempo esteve o Asilo D. Tereza.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

"DENTALINA" A bôa higiene da bôca, alvura e conservação dos dentes, só se consegue usando esta marca, por ser superior a todas as pastas. Deposito Geral Rua do Loreto, 55, 1.º

Pão Aliança

(FABRICO MECANICO)

Encontra-se á venda nos seguintes depositos:

N.º 1—Rua do Amparo, 1 a 7
N.º 2—Rua da Betesga, 12 e 14
N.º 3—Rua Eugenio dos Santos, 11 e 13
N.º 4—Praça das Flôres, 1 e 2

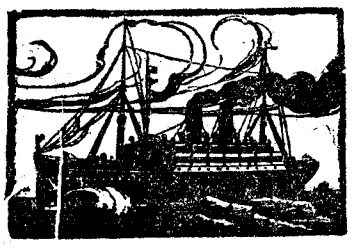
Abertura em breve dos deposito n.os 5 e 6, no Largo do Calhariz, 10 e 11 e na Rua de D. Pedro V, 119 e 121.

Provisoriamente á venda nos seguintes locais; emquanto se não criam depositos especiais: Rua Alexandre Herculano, 54; Rua Almirante Barroso, B. S.; Rua Actor Taborda, 32; Rua Vinte de Abril, 177; Largo da Graça, 133 e 133-A; Rua da Senhora da Gloria, á Graça, 88 a 96 e Rua de Santo Antonio da Sé, 2 a 8.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa

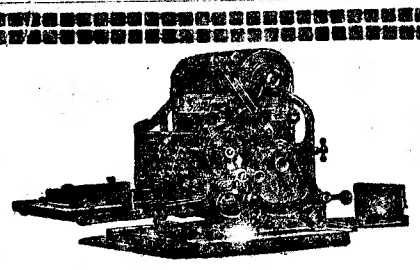


Para carga e passageiros trata-se com os agentes

Pinto & Sotto Mayor

R. do Ouro, 24

Telefone n.º 1227 C. LISBOA



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!

O DUPLICADOR

RAPIDO, LIMPO, SIMPLES

A. Gestetner

70 cópias por minuto

pode ser nos dois casos de imensa utilidade

Peçam detalhes á casa

— A. GESTETNER —

Rua da Conceição, 125, 4.º

LISBOA Telefone C. 320 LISBOA

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

SABÃO BELGA

AROMATICO

Tendo chegado nova remessa deste acreditado produto, que serve para toda a lavagem de roupa, incluindo lãs e sedas, toilete e banhos e que vendemos ao preço de **12$00** cada caixa de 5 quilos e que para a provincia acresce $60 para portes, aceitam-se pedidos á **Comissionaria**, Calçada do Garcia, 13, 1.º— Lisboa.

SUSPENSORIOS

300 duzias de seda para saldar a..... 7$500
300 duzias d'algodão fita elastica a..... 3$500

CASA DAS MEIAS

DA

RUA DO OURO, 117

SÉDE DO "DIARIO DE LISBOA"
Rua Luz Soriano, 48

COMPANHIA DAS MINAS de SÃO PEDRO DA COVA

Capital esc. 9.000.000$

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Séde no Porto

Assembleia Geral Ordinaria

E' convocada a Assembleia Geral Ordinaria desta Companhia para o proximo dia 26 do corrente, pelas 15 horas, na séde da Companhia, Praça Almeida Garrett, n.º 22, 1.º andar, da cidade do Porto, para apreciar o relatorio e contas da gerencia.

Porto, 10 de Abril de 1922.

O Presidente da Assembleia Geral,
Baltazar Cabral

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA
Rua do Ouro, 18, 24

PORTO
Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

AGENCIA GERAL DE ANGOLA

(Instituição oficial criada por decreto do Alto Comissariado da Republica em Angola, n.º 16, de 19 de Maio de 1921)

SÉDE—RUA DA MADALENA, N.º 237, 1.º ANDAR—LISBOA

ENDEREÇO TELEGRAFICO «AGENCIANGOLA»—TELEFONE C-3557

OS SERVIÇOS A CARGO DA AGENCIA SÃO OS SEGUINTES:— Serviços de colonização e imigração; Aquisição de materiais e demais artigos destinados ao Governo Geral de Angola; Serviços relacionados com emprestimos; Serviços de propaganda da Provincia e informações.

Esta Agencia Geral presta todos os esclarecimentos que digam respeito á provincia de Angola e que lhe sejam solicitados por qualquer pessoa

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A CONFERENCIA DE GENOVA

O discurso de Barthou

"A França não está animada de qualquer egoismo nacional e não pretende exercer nenhuma especie de hegemonia"

GENOVA, 11

No seu discurso, o sr. Barthou declarou trazer reflectidamente á Conferencia o concurso leal da França, que vem a Genova para trabalhar. Os delegados franceses não são observadores, mas sim colaboradores, prontos a tomarem a sua parte na obra e nas responsabilidades comuns. O sr. Barthou mostrou as dificuldades que devem encontrar os delegados, mas essas dificuldades não os devem fazer fraquejar. A França provou com o seu proprio esforço que compreende a necessidade e que conhece o preço da acção. Não está animada de qualquer egoismo nacional e não pretende exercer nenhuma especie de hegemonia. A guerra ficou-lhe muito cara para que ela não tenha horror á guerra. Toda ela é resolutamente pacifica e não será ela que terá em qualquer ocasião a aberração criminosa de perturbar a tranquilidade do mundo. Os seus direitos, que pagou por um preço terrivel, não servirão de obstaculo á empresa presente e o programa de Cannes colocou esses direitos, bem como os dos seus aliados, fora de toda e qualquer discussão. A França não se colocará em Genova numa atitude negativa e os seus peritos forneceram um trabalho consideravel e nem um só problema escapou ás suas investigações e ás suas reflexões. Os delegados franceses hão de dizer o que crêem justo, necessario ou possivel. A paz e o trabalho são o programa e o «mot d'ordre» da França.—(H.)

Os japoneses

e a situação da Siberia

TOKIO, 11

Os japoneses mostram uma certa hesitação na atitude a seguir na Siberia. Fala-se muito no acordo com o governo bolchevista de Tchita que levaria a evacuação dos japoneses da provincia maritima. O Japão abandonaria aos bolchevistas os aprisionamentos de guerra que estão em Vladivostock. Este projecto é violentamente combatido nos meios militares. — (R.)

O DIA DE ONTEM EM GENOVA

O DESARMAMENTO DA RUSSIA

OS DISCURSOS DE

Lloyd George, Barthou, Wirth e Tchitcherine

Abriu ontem a conferencia de Genova, mais importante de quantas reuniões internacionais se têm realizado até hoje. O primeiro dia, segundo o costume, foi dedicado á exposição do fim da reunião e de pontos de vista gerais, que muitas vezes se não verificam na redacção dos textos que hão de governar.

Depois das palavras de abertura do delegado da Italia, afirmando ser necessario que naquela conferencia se esqueçam os odios e ressentimentos da guerra, tomou a palavra Lloyd George, e o seu discurso concentrou todas as atenções.

Como se sabe, a Conferencia de Genova, ainda que convocada pela Italia, é obra do ministro britanico, o qual é o unico que leva a Genova um programa definido de acção construtiva. Os delegados russos tambem devem trazer algum programa; o logico, porém, é que procurem harmonizar-se com Lloyd George, evitando assim que as suas intenções, expostas directamente, sejam torpedeadas por motivos faceis de calcular.

Posto isto, compreende-se bem que Lloyd George é o ponto central da Conferencia, aquele de quem se espera a iniciativa.

De entre as passagens do seu discurso, é já uma definição de programa aquela em que propôs as condições necessarias ás boas relações entre nações civilizadas.

1) As obrigações contraidas por um país, não podem ser repudiadas pelo facto da mudança de governo.

2) Não é permitido fazer guerra ás instituições de qualquer outro país.

3) Nenhuma nação pode invadir o territorio de outra.

4) Os naturais dum país têm direito a justiça imparcial nos tribunais de outra.

***

Os dois primeiros pontos são muito importantes e, como é facil verificar lendo bem, dizem respeito exclusivamente á Russia: Por um lado certificam a Russia de que ela deve pagar as dividas contraidas pelo governo do czar; por outro, reconhece á Russia o direito de ter o governo que quizer, o que envolve o reconhecimento dele.

Mas ha no primeiro ponto uma intenção que é necessario frisar: Lloyd George teve o cuidado de se expressar de maneira a que as suas palavras não possam aplicar-se á situação da Alemanha: E isto é significativo para a sequencia dos sucessos da conferencia.

***

As palavras da delegação francesa, segundo o que depreendemos dos telegramas, não tiveram importancia, a menos que queiramos interpretar a passagem do sr. Barthou, «seria louco julgar que uma vara de condão poderia levar a efeito a reconstrução da Europa» como uma impressão pessimista, dominante na delegação francesa como a do perigo do desarmamento em Washington.

Das palavras de Wirth nada sabemos, como apenas se conhece uma passagem do discurso de Tchitcherine, aqnela em que se refere ao desarmamento mundial contra o qual a França reclamou.

Este incidente merece certos comentarios: Uma das objecções mais fortes contra o reconhecimento dos «soviets», e á sua convocação a Genova, era a do numeroso efectivo do exercito vermelho. A França, por todos os meios ao seu alcance, acentuadamente durante a Conferencia de Cannes, invocou sempre o exercito vermelho como um perigo que era necessario debelar antes de aceitar os «soviets» no quer que fôsse, e especialmente de os convocar a Genova. Lenine licenciou parte do exercito vermelho para dar provas de que estava disposto a desarmar. Como é que se explica que agora a França reclame contra a exposição do desejo de uma reunião em que seja debatido o desarmamento da Europa, invocando a ausencia desse ponto do programa de Genova?

De resto o desarmamento é uma das medidas economicas consideradas indispensaveis por todos e a America tem-o reclamado sempre, tanto que, exigindo o pagamento das despesas de ocupação do Rheno, fê-lo para mostrar o seu descontentamento pelos grandes efectivos militares, especialmente da França.

Diz-se que Lloyd George proporá a redução de armamentos terrestres no final da Conferencia. Mas ainda que esse ponto continui fora do programa, a observação do delegado russo, apesar de porvir dum bolchevista, e talvez justamente por isso, visto que os acusam de militaristas, a observação de Tchitcherine, repetimos, não devia merecer uma replica tão calorosa da parte da delegação francesa, como a de afirmar que, assim, a Conferencia teria efeitos nulos.

O QUE DIZEM DE LONDRES

Roubo de 20.000 libras

Um banco de Lanesborough é atacado por um grupo de civis

Os jornais e as noticias sobre o exercito republicano

LONDRES 11

Continuam os tumultos na Irlanda. Um grupo de civis armados efectuou um «raid» num Banco de Lanesborough roubando cerca de 20.000 libras e pondo-se depois em fuga. Durante a fuga mataram um oficial de gendarmaria que pretendia detê-los.

O director do serviço de publicidade do exercito republicano irlandês noticiou aos jornais de Dublin que lhe era proibido publicar qualquer noticia ácerca do exercito republicano sem a permissão do serviço de publicidade.—(U. P.)

O torpedeamento do "Lusitania"

As reclamações dos americanos

NEW-YORK, 11

Uma comissão mista regulará proximamente as reclamações formuladas contra a Alemanha por cidadãos americanos devido ao torpedeamento do «Lusitania». Estas reivindicações elevam-se a mais de 500 milhões de dolares.

Um dos primeiros actos do novo embaixador americano em Berlim, sr. Alanson Houghtom, será criar com o governo alemão uma comissão formada por cidadãos dos dois países para resolver sobre as reclamações formuladas por particulares.—(R.)

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

DR. ARBUÉS MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

Nacional — Telef. N. 2049
6.ª Recita de assinatura
HOJE — ás 21 horas
Primeira representação da peça, em 3 actos, original do dr. RAMADA CURTO
OS TENORIOS
Mise-en-cène de Augusto de Melo — Scenarios de Campos & Oliveira — Os principais papeis por Irene Grave, José Ricardo, Joaquim Costa, Luis Pinto, Clemente Pinto, Acacia Reis, Laura Hirsch, etc.

TEATRO CHIADO TERRASSE
HOJE HOJE
FESTA ARTISTICA DE ALICE PEREIRA
Ultima representação da farça.
O ilustre governador
Três horas de constante hilariedade

EDEN-Teatro
Empresa Henrique Barreiros, Limitada
Companhia de Antonio Macedo
Hoje e todas as noites — duas sessões ás 20,45 e 22,45
TALISMAN
Montagem deslumbrante — Maravilhosos scenarios — Guarda-roupa riquissimo — Musica deliciosa — TODAS AS NOITES
Duas sessões ás 20,45 e 22,45

FOZ — Sempre, ás 20,45 e ás 22,30 prefixas :
Empreza Artur Ennauz
Companhia Otelo de Carvalho
O maior dos exitos em duas sessões : a graciosa e deslumbrante revista :
GIGA-JOGA
4 numeros novos de sensação
A 14 — Festa de DINA MOREIRA
A 17 — Festa de MARTINS DOS SANTOS

Uma chavena de cacau da
S. I. C.
equivale, como alimento, a 5 chavenas de café!
Além d'isso o cacau beneficia a saude e o café prejudica-a

DFS
Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas PHILIPS-ARGA
Quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5480 — Caixa do DAFONSO
DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.ª
Rua dos Fanqueiros, 122 — LISBOA

5 HORAS DA TARDE

ULTIMAS NOTICIAS

5 HORAS DA TARDE

LISBOA-RIO DE JANEIRO

O HIDRO-AVIÃO

só poderá levantar vôo depois de ámanhã

Os aviadores descem nos rochedos de S. Pedro e S. Paulo

O hidro-avião *Lusitania* vai continuar a sua marcha audaciosa para o continente brasileiro. Segundo um telegrama do comandante Sacadura Cabral, recebido hoje no ministerio da Marinha, o avião só levantará vôo de Cabo Verde depois de ámanhã, quinta-feira, possivelmente ás primeiras horas da manhã.

Tendo reconhecido que não poderá descolar com um carregamento de combustivel para um vôo aproximado de dezoito horas, devido ao estado do mar, que torna bastante dificil a largada, o comandante Sacadura informa que deve tocar nos rochedos de S. Pedro e S. Paulo, onde o cruzador *Republica* o abastecerá de gazolina para as 340 milhas que separam os rochedos de Fernando Noronha. O hidro-avião aguarda nesta ilha o cruzador *Republica*, levantando vôo em seguida para o continente brasileiro. O vôo Cabo Verde-S. Paulo deve demorar aproximadamente doze horas.

Embora o maior percurso da viagem fique reduzido a 920 milhas, o perigo não diminue, pela dificuldade que há em descer proximo dos rochedos de S. Pedro e de S. Paulo, onde não existe um porto para servir de abrigo ao avião.

Se a largada de S. Paulo se fizer com felicidade podia ainda admitir-se a hipotese de o hidro-avião seguir directamente ao continente brasileiro, o que, certamente, não sucede, pela necessidade que os aviadores têm de conhecer as condições atmosfericas, que o posto radio-telegrafico de Fernando Noronha está encarregado de lhes transmitir.

A grande conveniencia do percurso Cabo Verde-S. Paulo, além de encurtar a viagem, está em seguir uma linha que é mais frequentada pela navegação, que lhes prestaria prontamente socorro, se fôsse necessario.

A noticia da chegada do hidro-avião aos rochedos de S. Pedro e S. Paulo só poderá ser transmitida pelo *Republica* para os postos do Pará e de Fernando Noronha, que, por sua vez, têm instruções do governo brasileiro para telegrafar imediatamente para o posto de Monsanto.

A recepção dos aviadores na Baía promete ser imponente

RIO DE JANEIRO, 11—A imprensa continúa a referir-se em termos entusiasticos á empresa iniciada com tanto exito pelos ilustres aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Na Baia trabalha-se com extraordinario interesse nos preparativos da grande recepção, na qual tomarão parte, além do presidente do Estado, sr. J. J. Sobara, o Congresso Legislativo e as mais altas personalidades baianas. A Camara dos Deputados brasileira, logo que os aviadores desçam em territorio brasileiro, enviará um telegrama ao Congresso da Republica Portuguesa, congratulando-se com o memoravel feito.—(A.)

ARSÈNE LUPIN NOS SERVIÇOS DO ESTADO

Importantes roubos

na Exploração do Porto de Lisboa?

O que nos declara o inspector geral, sr. Afonso de Macedo

A POLICIA EM ACÇÃO E UMA SINDICANCIA RIGOROSA

O *reporter* que, ás vezes, permanece quartos de hora nos corredores do Governo Civil, obedece sempre, em tal conduta, a um intuito de jornalismo. Hoje realizou-o. Encostados a meio metro de corredor, dois funcionarios policiais conversavam. Conversa cerrada, em que abundavam frases de energia, argumentos, e de que apenas absorvemos palavras soltas, quasi sem sentido, como as que se seguem:

—Estão funcionarios superiores comprometidos... veiu uma confidencial para cá... falta muito dinheiro...

—Quem diria... a Exploração do Porto de Lisboa!...

***

Mouro na costa? No caso presente, na margem direita do Tejo? Averiguemos: a Exploração do Porto de Lisboa fica proxima e lá reside a amisade firme de Afonso de Macedo, ex-deputado, politico de actividade intermitente mas que, quando trabalha, dá agua pela barba aos antagonistas, e, finalmente, unico predicado que vale, inspector geral do organismo supra-citado.

Já no seu gabinete. Janela ampla, aberta, a mostrar-nos as oficinas do Arsenal, áquela hora cheias de rumor. Em baixo, quatro metros quadrados de jardim — um jardim em que vicejam muitas violetas humildes e cravos rubros, manchados de branco, que começam a abrir agora.

Primeira pregunta, emquanto Afonso de Macedo, volumoso, o rosto expressivo salpicado de marcas de bexigas, contraido numa expressão interrogativa, corresponde ao cumprimento inicial:

—Então? Roubalheiras por cá?

Um esgare de surpresa mal simulado e em que apenas constitue quinhão de verdade a admiração pelo nosso conhecimento da noticia. Depois:

—Vocês têm cada uma! Se não ha nada...

—Nada? Ora...

Dois minutos de silencio para o entrevistado firmar uma atitude. Após, numa decisão energica, confidencias:

—Sim, senhor. A pregunta de você tem razão de ser. Ha coisas graves, nesta casa.

—Posso tomar notas?

—A' vontade. Até no meu logar.

Sentámo-nos e aprestámos o lapis. Afonso de Macedo, mãos nos bolsos das calças, a passear nervosamente no gabinete, começou a juntar palavras:

—Cometeram-se muitos roubos de 1920 para cá. Calculamos que, já antes daquela data, houvesse abusos. Os roubos consistem em recibos falsificados e contas ilegalmente pagas, de mercadorias que não chegaram a entrar na Exploração.

—Os criminosos, são?

—Alguns funcionarios superiores. E' tão triste! Não lhe posso dizer nomes. No entanto, a culpabilidade deles não constitue uma presunção; é um caso averiguado.

—Perante um acontecimento tão grave, qual a situação do pessoal?

—Todos os funcionarios honestos estão absolutamente solidarizados com o conselho de administração.

—E o roubo? Como o descobriram?

Nova interrupção no dialogo. O inspector geral da E. P. L. concentrava as suas reminiscencias. E eis a historia:

—Vocês devem recordar-se da guerra movida aos membros do actual conselho de administração, quando da sua posse—guerra que era movida por diferentes criaturas, interessadas na manutenção do conselho que o *dezenove de Outubro* expulsou deste serviço publico. Pois apesar dessa oposição... incompreensivel nesse momento, mas demasiadamente compreensivel agora, o conselho de administração de que faço parte, procurou, desde o primeiro momento, fazer uma gerencia honesta e republicana. E, além de muitos outros elementos que provam a situação falsa em que se encontrava o conselho administrativo transacto—que quasi vivia sem escrita desde 1916, como o conselho superior de finanças pode atestar—apareceram agora indicios que reclamam uma imediata intervenção policial. Isto, independentemente da acção disciplinar, pois é necessario punir severamente todos os funcionarios comprometidos, a fim de lhes ficar de emenda.

***

Elementos de informação que não figuram na nossa conversa com Afonso de Macedo e que colhemos a poucos passos do Cais do Sodré: nas arcadas do Terreiro do Paço:

O engenheiro Herculano Galhardo conferenciou hoje, pelas 14 horas, com o sr. ministro do Comercio, ácerca do roubo na Exploração do Porto de Lisboa. O sr. Lima Basto vai nomear um juiz para proceder a uma sindicancia rigorosa. Tambem o sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação criminal, foi procurado esta tarde pelo sr. dr. Jacinto Simões, secretario geral da E. P. L., para apreciação do mesmo assunto.

O "team" inglês "Oxford City"

chega hoje a Lisboa

A' estação do Rocio deve chegar hoje, pelas 11,20 horas da noite, o famoso club inglês «Oxford City», que na fronteira foi esperado por dois directores do Imperio Lisboa Club.

O «Oxford City», que é possuidor de alguns jogadores internacionais, vem reforçado com quatro dos melhores «players» da Universidade de Oxford, a fim de mais facilmente se impôr entre nós.

Caixa Geral de Depositos

O movimento de depositos da Caixa Economica Portuguesa durante o mês de Março findo foi de 98:146.229$16, sendo 51:722.449$59 de entradas e 46:423.779$57 de saidas, donde resulta uma diferença para mais de 5:298.670$02, que adicionada ao saldo em 28 de Fevereiro perfaz em 31 de Março o de 173:652.058$90.

O concurso de livros de ensino secundario

Foram avisados os interessados de que termina em 21 do corrente, pelas 5 horas da tarde, o praso para a entrega dos livros destinados ao concurso de livros de ensino secundario.

AMENDOAS

Visitem a mais linda exposição na

PEROLA DA CHINA

Rua da Palma, 123 a 139

Telefone, 4181 N.

Grande profusão de luz

Pessoal atencioso e delicado

OS NOSSOS ARTISTAS

"NUN'ALVARES"

o poema heroico do maestro Ruy Coelho

será executado, pela primeira vez, no domingo, no Coliseu

«Nun'Alvares», poema heroico, é a mais recente composição do talentoso maestro Ruy Coelho que a dedicou «A' gloria dos nossos cavaleiros da aventura Cabral e Coutinho». A contextura desse poema sinfonico é, segundo nos afirmam pessoas entendidas, primoroso. Será interpretado pela primeira vez no proximo domingo, no Coliseu dos Recreios, em concerto que marcará o inicio de uma serie que Ruy Coelho vai realizar. O poema «Nun'Alvares» foi inspirado nos seguintes versos dos «Lusiadas»:

Deu sinal a trombeta castelhana,
Horrendo, fero, ingente, e temeroso

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida;
Seguem-n'o os que ficaram; e o temor
Lhes dá, não pés, mas azas á fugida.

Eu só com meus vassalos, e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta
A terra nunca de outrem subjugada:

Recrescem os inimigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca

EM MADRID

O enviado do nosso jornal á Conferencia de Genova

é afectuosamente recebido na redacção de «El Liberal»

MADRID, 10.

O enviado do «Diario de Lisboa» a Conferencia de Genova foi recebido na redacção de «El Liberal», pelo director sr. Miguel Moya e Gaston. Ofereceram-lhe uma taça de «champagne», tendo Miguel Moya brindado entusiasticamente pelas relações luso-espanholas.

O enviado do «Diario de Lisboa» foi encarregado de saudar a imprensa portuguesa em nome de «El Liberal», unico diario madrileno que se faz representar na Conferencia de Genova.

Raul Monteiro Guimarães

Partiu hoje para a Madeira, onde se demora algum tempo, o sr. Raul Monteiro Guimarães.

MENINA

Maria da Gloria Lopes Gagean

FALECEU

Oscar Gagean e sua mulher D. Marcela Lopes Gagean, D. Joana Maria da Costa Gagean (ausente), David de Melo Lopes, D. Umbelina de Melo Lopes e mais familia participam o falecimento da sua querida filhinha, neta e sobrinha, cujo funeral se ha de realizar ámanhã, 12 do corrente, pelas 11 horas, da Avenida Fontes Pereira de Melo, 18, para o cemiterio dos Prazeres.